

Família multiespécie é tendência mundial

28/5/2010

Novo modelo de família inclui, além dos pais e filhos, os animais de estimação, especialmente os cães

Fortaleza. Tendência crescente no resto do mundo, também verifica-se no Brasil. Cerca de 60% dos lares brasileiros têm como moradores pessoas e animais de companhia, especialmente cães. Não é à toa que estudiosos reveem o conceito de família. Se, antes, o principal critério eram os laços de sangue, formando o modelo tradicional de pai, mãe e filhos, hoje, são os laços afetivos que unem pais, filhos e pets.

A presidente da Associação Médico-Veterinária Brasileira de Bem-Estar Animal, Ceres Berger Faraco, também doutora em Psicologia, afirma que é impossível pensar em família atualmente sem considerar a interação humano-animal. É a chamada família multiespécie.

Ceres Faraco aponta a Antrozooologia, nova área do conhecimento que estuda as interações entre seres humanos e animais, para explicar esta tendência mundial. Ela diz que nos estudos da Antrozooologia são apresentadas diferentes teorias para os laços cada vez mais fortes entre pessoas e bichos.

Estre as explicações científicas, está a Teoria da Biofilia, definida por Edward Wilson, da Universidade de Harvard. Seguindo a linha evolutiva para examinar o tema, o pesquisador observa que os humanos aprenderam a avaliar o ambiente a partir da presença de outras espécies. "Quando os animais criados em casa estão tranquilos, significa que todo o ambiente está tranquilo", declara Ceres, considerando os dias atuais, quando os bichos continuam sendo indicadores da situação do ambiente, assim como era nos agrupamentos pré-históricos da humanidade.



José Rocha, Vânia, a filha Diana e os animais de companhia, que transformam em alegria a convivência diária
ALEX PIMENTEL



Ceres Berger Faraco é veterinária e doutora em Psicologia
DIVULGAÇÃO

Teoria do Apego

Outra linha de avaliação que pode explicar a crescente formação da família multiespécie, segundo Ceres Faraco, está na Teoria do Apego, desenvolvida a partir das pesquisas em Etologia, área que estuda o comportamento animal. De acordo com o fundador da Etologia, Konrad Lorenz, na relação intra e interespécies acontece o fenômeno do "imprinting". Observou-se que fica "impresso" no cérebro do ser vivo aquele outro visto pela primeira vez na hora do nascimento ou fase de sensibilização. No estudo com gansos, foi verificado o fenômeno. Assim quando o ovo eclodia, o filhote "adotava" como mãe o primeiro ser visto, fosse outro ganso ou um ser humano.

Com bases etológicas e psicanalíticas, John Bowlby desenvolveu a Teoria do Apego, pela qual os seres precisam ter alguém de referência para crescer e se desenvolver. Transportando a explicação para a relação mãe/bebê, isto é evidente. Também é realidade, comprovada cientificamente, no relacionamento entre seres humanos e animais. "É preciso ter uma figura de apego para nos desenvolvermos. Assim também é com os animais. Podemos observar este apego deles em relação aos seres humanos e destes em relação aos bichos", explica Ceres.

Meios de cooperação

A médica veterinária traz também outra explicação. Fala-se muito em competição entre as espécies na natureza, como se só existisse uma verdadeira guerra entre os bichos no ambiente natural. Na realidade, conforme os ciclos de cada espécie, o que há é a procura por alimento. Porém, pela nova Biologia, o que mais predomina são as relações de cooperação.

Ceres aponta que a crescente associação entre seres humanos e animais dá-se como estratégia para enfrentar os desafios da sobrevivência. "Humanos e animais de companhia são seres gregários", diz ela, complementando que ambos gostam de estar em companhia um do outro, além de que os bichos oferecem suporte para a sobrevivência das sociedades.

"No mundo atual, onde são incentivados o individualismo, a perda de laços familiares e a solidão, a presença dos animais serve como apoio social, fortalece o sentimento de que somos pertencentes, amados, e absolutamente necessários para alguém", avalia a médica veterinária. Ela observa que, nos lares com pets, há uma troca de afetividade permanente, uma vez que os animais são claramente verdadeiros na expressão de seus sentimentos.

"Enquanto os humanos podem dissimular sentimentos, os animais, especialmente os cães, são claros na manifestação de seu amor incondicional".

Ela apresenta ainda os pesquisadores Beck & Katcher, que estudam os benefícios da interação com bichos. Segundo eles, a convivência com os animais é fundamental para a construção da personalidade, com influência direta no desenvolvimento infantil.

Ceres Faraco é professora do Curso de Psicologia nas Faculdades Integradas de Taquara (Faccat) e ainda coordena o grupo de pesquisa Interha, que realiza estudos sobre a interação humano-animal.

Fique por dentro

Mercado em alta

Pesquisa da Associação Nacional dos Fabricantes de Produtos para Animais de Estimação (Anfalpet) aponta que o Brasil movimentou, por ano, cerca de R\$ 6,5 bilhões no mercado pet, nos itens alimentos, medicamentos e vacinação dos bichos. A presença crescente dos animais junto com as famílias tem impacto direto na economia. O item que mais faturou foi o de alimentação balanceada para cães e gatos, no total de R\$ 6,2 bilhões. A previsão de crescimento anual do mercado pet é de 3% a 4%. Dados do Radar Pet 2009, encomendada pela Comissão de Animais de Companhia (Comac), do Sindicato Nacional da Indústria de Produtos para Saúde Animal (Sindan), a população de animais nas classes A, B e C nas principais capitais brasileiras soma 25 milhões de cães e 7 milhões de gato. O cachorro é o animal de estimação preferido (79%). Os gatos ficam em segundo (10%).

MAIS INFORMAÇÕES

Faculdades Integradas de Taquara, Rio Grande do Sul

Professora Ceres Berger Faraco

(51) 3541.6600/ www.faccat.br

Valéria Feitosa

Editora do Regional

AMOR INCONDICIONAL

Pets são alegria do lar em Quixadá

Quixadá. A relação do técnico em Informática, José Rocha Neto, da professora universitária, Vânia Alexandrino Leitão, e dos filhos com animais de estimação é um dos muitos exemplos da tendência crescente das famílias multiespécie. Quando resolveram formar família, adotaram a primeira companheira de quatro patas, "Kika", para entreter as crianças. Com o passar do tempo, Karine, Arnóbio Filho, Luciano e Diana foram crescendo e a relação com a cadelinha setter irlandesa se fortalecendo. Hoje, o laço afetivo seria ainda maior se "Kika" não tivesse sido furtada.

Passada a frustração, a tristeza, o casal decidiu criar outro cãozinho. Os filhos já estavam maiores, mas a ausência de Kika ainda incomodava. Logo o pinsher "Brisk" passou a alegrar pais e filhos. A experiência anterior trouxe algo de novo para casa, um pouco mais de cuidado com o novo mascote.

Eles passaram a se preocupar também com os sentimentos dele. Resolveram adotar a "Lili", uma cadelinha da mesma raça. Pouco tempo depois nasciam "Nina" e "Teka".

O convívio multifamiliar levou o casal a adotar mais um cão de pequeno porte, o "Bob", de raça teckel. "Criar animais menores é mais fácil. Não bagunçam muito a casa. Dão menos trabalho e o comportamento é praticamente o mesmo das espécies maiores. Têm muito carinho e são fiéis. O porte também permite manter um número maior de animais dentro de casa, sem prejudicar o dia a dia no lar. Além do mais, são tão eficientes quanto os cães de guarda. Alarmam quando qualquer estranho se aproxima", justifica Vânia a predileção.

Além dos cães, dois gatos sem raça definida, "Bimbo" e "Branquinha", chegaram para integrar a típica família multiespécie. Historicamente hostis, as duas espécies vivem juntas na nova família, debaixo do mesmo teto, sem qualquer rivalidade. Formado em Filosofia, Rocha avalia o convívio como uma essencialidade de qualquer ser vivo, não importando de qual espécie seja. A relação com os humanos não é diferente. A mudança, apenas na linguagem de sinais. Por serem dóceis, afetivos, tornam-se companheiros fundamentais no convívio, muitas vezes difícil dentro dos lares.

Diana, a filha caçula, a única ainda a morar com o casal - os irmãos já formaram outros lares - concorda com o pai. Quando chega estressada em casa o afago de "Brisk" auxilia no alívio da tensão. É ele quem ouve atento seu desabafo. Parece entender tudo o que diz. E não bastasse a atenção dele, "Nina", "Teka" e "Bob" se aproximam. "As pessoas não costumam ter paciência, muitas vezes nem querem nos entender. Ter alguém assim na família é o sonho de qualquer um que perceba o amor desses animais", completa. A professora reconhece o estreitamento da interação com os pets. A presença deles é capaz de dar apoio social em qualquer lar, não importando de qual classe seja. Ela espera que outras famílias façam o mesmo. "Brisk", "Lili", "Nina", "Teka", "Bob", "Bimbo" e "Branquinha" são exemplos de amor animal.

Alex Pimentel

Colaborador

www.pettour.com.br

Celular DualChip só R\$85


2 Chips, Bluetooth, FM, MP3, Câmera Frete Grátis
em até 12x no Cartão

www.MpxShop.com.br/Oferata_2Chips

Filhotes - É Aqui

Procurando uma Companhia? Encontre Filhotes de
Diversas Raças Aqui!

www.MercadoLivre.com.br/Animais

Anúncios 

© 2009 Editora Verdes Mares